16 de Julho de 1944 (*)

Tácito Theophilo G. de Oliveira

A data de 16 de julho de 1990 assinala os 46 anos decorridos desde o histórico desembarque dos primeiros elementos da Força Expedicionária Brasileira (FEB) em solo italiano. Acontecimento da mais alta relevância, já que, pela primeira vez na História, um soldado sul-americano desembarcava na Europa para lutar pela liberdade.

Na véspera da partida do Rio de Janeiro, à noite, o Presidente Getúlio Vargas subiu a bordo do Transporte de Guerra "General Mann" e falou: "Soldados do Brasil: o Presidente da República veio, acompanhado do Ministro da Guerra, para trazer-vos os votos de feliz viagem. E não podendo fazê-lo pessoalmente a cada um, o faz por meio deste microfone. É sempre uma glória lutar-se pela Pátria e por um ideal. O governo e o povo do Brasil vos acompanham em espírito na vossa jornada e vos aguardam cobertos de glórias".

Honra, pois, ao Comandante da Força Expedicionária Brasileira, Gen. João Batista Mascarenhas de Moraes, e ao soldado brasileiro, simples, valente e desprendido. Aos bravos que tombaram, para maior grandeza da Pátria, nossas saudades e profundo respeito.

* * *

A esse Contingente de 5.075 homens foram juntar-se, a 6 de outubro, 10.375 combatentes e, posteriormente, 9.773, além de 11 transportados por via aérea, perfazendo o total de 25.334 combatentes.

Tive a honra de embarcar no segundo contingente que zarpou do Brasil e não me furto ao desejo de rebuscar algumas notas que até hoje guardo, não para vangloriar-me mas, sim, para reviver aquele e outros momentos de afirmação do Exército Brasileiro.

* * *

Afinal chegara a hora de embarcar a Unidade que me coubera a honra de comandar. A partida do Quartel do Batalhão de Guardas, em São Cristóvão, foi emocionante. Às 18 horas, já ao lusco-fusco, entrou em forma a Companhia do Quartel General da 1ª Divisão de Infantaria Expedicionária. Saudamos a Unidade que nos alojara com três vigorosos e entusiásticos "hurras". Seu Comandante dirigiu-nos algumas palavras de estímulo. Respondemos com vivas ao Brasil e ao Exército e embarcamos nos caminhões que nos conduziram ao Cais do Porto.

Homens do povo acenavam-nos e nos desejavam boa sorte.

(*) Palestra proferida em reunião do Instituto do Ceará realizada em 20/7/1990.

Atracados aos Armazéns estão os dois Transportes de Tropa profusamente iluminados. Há três dias não se cansam de engolir filas intermináveis de homens fardados de verde-oliva, com pesados sacos de lona às costas.

Uma madrugada, largaram as amarras e ficaram presos a uma bóia. Tudo indicava que passaríamos ali o resto do dia, aguardando a calada da noite para zarparmos. Para surpresa de todos nós, o "General Meigs", onde estávamos embarcados, acionou suas máquinas. Eram 12 horas daquele ensolarado dia 22 de setembro de 1944. Pouco depois passava em frente ao Forte da Lage. A guarnição formada. Por 3 vezes a Bandeira Brasileira foi arriada, para novamente subir ao topo do mastro, saudando os que partiam para a Guerra. A bordo todos se perfilam. A Cidade Maravilhosa rapidamente vai ficando para trás. O que se passa, no íntimo de cada um, não se percebe pelas fisionomias. De minha parte, olho o Cristo, no Alto do Corcovado, pedindo sua proteção para alguém de quem me despedi há três dias.

Ao nosso lado navega o outro transporte, o "General Mann", e uma poderosa escolta de navios da guerra protege os dois barcos que levam mais de 5 mil homens, cada um.

O uso do salva-vidas é obrigatório e são freqüentes os exercícios de salvamento. Os aviões "Catalina" sobrevoam o comboio, emitindo sinais luminosos incompreensíveis, mas que sabemos ligados à nossa segurança.

Cinco horas depois avistamos Cabo Frio, pelo través de bombordo. O alto-falante anuncia que, à meia-noite, os relógios serão adiantados de uma hora. E é chegado o momento de recolher-nos.

O Camarote torna-se nossa casa, uma casa divertida e sempre desarrumada. Somos "Os 18 do 110". Dezessete Capitães e um Tenente pertencentes a diversas Unidades e diferentes Estados. Um só Infante e um só Aviador; três Médicos e três Intendentes; quatro Engenheiros e seis Artilheiros.

Medindo cerca de 5x8 metros o camarote acomodava 6 beliches de 3 andares que tomavam quase toda a área, atulhada ainda por 3 lavatórios, armários de ferro, mesa e quatro cadeiras. O espaço que sobrava para as Malas "A" e para nós era bastante reduzido. Em caso de naufrágio seguiríamos: 12 no bote Doze, cuja lotação era de 120 homens, e os outros seis, no Bote 8-A. Para o rancho, estávamos juntos no mesmo horário, às 8 e às 18 horas.

Em frente ficavam a sala de estar de Oficiais e o que chamamos de "Cinelândia", ladeados por banheiros e privadas. À noite podemos acender todas as luzes. Por todos os cantos há exaustores e ventiladores; bebedouros com água gelada; água potável, quente e fria, nos lavatórios e banheiros.

Para matar o tempo, os jogos têm preferência, mas a distração maior é subir ao convés, onde numerosos grupos conversam e olham o mar. Nossa sensação de segurança é absoluta. Além da escolta, aviões e blimps sobrevoam, vez por outra, os navios, AP 112 e AP 116, que continuam singrando majestosamente as águas do Atlântico, a 18 nós horários.

Aos domingos, há Missas na proa, na popa, no interior, em horários diversos. Às vezes os exercícios de tiro antiaéreo despertam nossa atenção. Mas o que não falta nunca é um samba animado. Pandeiros, cuícas e tamborins

ruidosos acompanham os sons dolentes dos violões.

Apreciando as evoluções e o ziguezaguear do comboio, avizinha-se o pôr-do-sol, enquanto o alto-falante insiste no seu aviso diário: "Darken ship... darken ship...". É o momento de abandonar as cobertas. "Escurimento total do navio... passageiros e tropa recolham-se aos seus compartimentos... quem estiver fumando deve jogar fora imediatamente seu cigarro...".

E todos deixam o convés e caminham para o interior do navio. As escotilhas são trancadas. O ar se torna pesado. O calor sufocante. Tem-se a impressão que se está enclausurado. O interior plenamente iluminado, mas sem deixar passar qualquer réstia de luz capaz de denunciar ao inimigo a presença do navio. Nenhum papel, ponta de cigarro ou resto de comida é atirado ao mar. Nada que possa revelar nossa passagem por aquelas águas. Nada. Os submarinos inimigos estão por toda parte e usam qualquer sorte de artifício para apanhar suas vítimas.

Uma tarde fomos informados de que, às 16 horas, o Almirante John Davis subira a bordo do nosso AP 116. Vinha da parte de Netuno indagar por que invadíramos seu reinado. Que preparássemos um boa resposta para dar a Sua Majestade.

Durante a noite cruzamos o Equador.

Tivemos festa e, no jantar, uma feijoada. Pela primeira vez assistia uma Missa celebrada às 16 horas: uma concessão do Papa. Ao forte temporal que desabou seguiu-se uma calmaria impressionante durante dois dias. A embarcação não oscila; assemelha-se a um rochedo. O espetáculo é enervante. Nada se move; o mar é um espelho.

Estamos no décimo primeiro dia de viagem. Dois destróieres ingleses incorporam-se à escolta. Foram chegando e entrando na formatura.

De repente o navio se enche de vida. "Terra à vista... Gibraltar".

Amanhece. Navegamos no tranqüilo e belo Mediterrâneo. Chegam as ordens para o desembarque no dia seguinte.

Passamos por Capri e penetramos a Baía de Nápolis, coalhada de navios de todos os tipos e tamanhos. Uma esquadra numerosa e potente velava pela segurança de todos. Balões de barragem brilhavam ao Sol. O suntuoso porto estava semidestruído.

Ao longe, o Vesúvio dominava o cenário...